



GT 36. Espiritualidades, pluralismo e saúde

Coordenador(es):

Carlos Alberto Steil (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Fátima Regina Gomes Tavares (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 1

Debatedor/a: Carlos Alberto Steil (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Sessão 2

Debatedor/a: Fátima Regina Gomes Tavares (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 3

Debatedor/a: Nicolas Viotti (CONICET)

A relação entre espiritualidade e saúde é recorrente nas práticas e experiências das mais diversas cosmologias e tradições religiosas. Discutir esta relação, a partir de aportes teóricos e de contextos empíricos diferenciados, é o objetivo do GT aqui proposto. Neste sentido, esperamos reunir trabalhos que abordem as imbricações entre estes dois campos, tendo como foco as mediações rituais, simbólicas e materiais que concorrem para a produção da experiência do sagrado e os agenciamentos terapêuticos que visam alcançar a cura e o bem-estar físico e mental dos praticantes. Ao centrar nosso olhar nos processos de cura, queremos enfatizar as dimensões materiais e corporais da espiritualidade para além da especificidade das tradições ou cosmologias religiosas em que estes processos acontecem. Ao mesmo tempo, queremos compreender o agenciamento terapêutico como indexador da eficácia da espiritualidade e como referência para a sua legitimação social e sua institucionalização em contextos não religiosos. Ou ainda, como ancoragem para a adesão dos praticantes aos coletivos de práticas de espiritualidade e produção de subjetividades específicas no contexto diversificado do pluralismo religioso. Por fim, entendemos que a realidade plural das terapias associadas à espiritualidade requer uma pluralidade de perspectivas analíticas.

Espiritualidade e Saúde Mental: apontamentos iniciais de uma pesquisa em contexto de fronteira

Autoria: Anaxsuell Fernando da Silva (UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana)

Este work se propõe a discutir as possíveis relações entre vivências religiosas, práticas de espiritualidade e saúde mental em contexto de fronteira. De maneira específica, nos debruçamos numa análise a partir das recomendações de líderes religiosos em torno da efetividade do modelo de cuidado adotado em Comunidades Terapêuticas na Tríplice-Fronteira latino-americana. Partiremos de um conjunto de entrevistas realizadas com os referidos líderes, as quais permitem analisar a multiplicidade de discursos e práticas de espiritualidade que coexiste em torno das representações de consumo de substâncias psicoativas. Nossa abordagem associa estes discursos a um apanhado teórico-analítico das principais questões expressas na literatura especializada concernente à temática proposta, no intento de configurar o contexto religioso na região da região fronteira (Brasil/Paraguai/Argentina) e as percepções acerca dos usos em torno dessas substâncias, seja quando definida como drogas ou medicamentos. Em seguida, compartilharemos as questões iniciais em torno de uma investigação empírica que se dá na interface entre a antropologia e a saúde mental. Nesta apresentação, daremos ênfase aos discursos religiosos em torno da forma como a religião engendra experiências coletivas de espiritualidades para compreender o processo de saúde-



adoecimento. A reflexão possibilitará explicitar os seguintes eixos de análise: a dimensão religiosa como fator desencadeante e explicativo das formas de saúde-doença mental e, consecutivamente, uma apreciação dos espaços religiosos destinados ao engendramento de uma espiritualidade necessária enfrentamento da adicção e tessitura de uma estratégias de controle sobre as experiências de uso a e, por fim, suas implicações sócio-política ? especialmente no que tange aos Direitos Humanos.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: